



## **Síntese dos artigos submetidos ao I SNEA – Grupo de Trabalho 9**

Fabiana Mongeli Peneireiro<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Mutirão Agroflorestal, fmpeneir@yahoo.com

Foram analisadas seis experiências - citadas abaixo com um brevíssimo relato do que tratam - das quais se extraíram informações acerca dos aspectos apontados para a realização da síntese.

**1. Comunicação e Agroecologia: a experiência da Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto.** Autores: Daniel Alfonso León; Ana Paula Capello Rezende; Marcos Sorrentino; João Dagoberto dos Santos; João Portella Sobral; Antonio de Miranda; Dionara Soares Ribeiro; Paulo Yoshio Kageyama.

**Localidade:** municípios de Prado, Teixeira de Freitas e Alcobaça – sul da Bahia.

**envolvidos:** jovens acampados, acampados do MST (parceria entre movimento social e universidade).

Esse relato diz respeito à experiência de construção de uma Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta, em suas dimensões situacional, política, pedagógica e organizativa, bem como a formação de camponeses do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em Agroecologia. O texto discorre sobre as condições socioeconômicas que marcaram a história recente da região; o processo de construção da Escola Popular e a formação de um Coletivo de Comunicação com alguns jovens dos acampamentos, considerado como uma estratégia importante para a formação dos camponeses, juntamente com a Escola e os Núcleos de Agroecologia e Educação. O desafio principal do processo é fazer com que a Escola seja parte do cotidiano das famílias assentadas e acampadas, compreender a realidade, capturar as demandas e contribuir para a transformação social.

**2. Relato sobre a experiência de construção e realização do Encontro Regional de Agroecologia.** Autores: Fernando Fernandes Damasceno Junior; Maria Adriana Alves Dantas; Alyne Araújo da Silva; Antônio Genival de Araújo Junior; Lívio Diego Duarte Brandão e Juliana Alcântara Costa.

**Localidade:** Crato – Ceará.

**Envolvidos:** estudantes e profissionais de Agrárias e movimentos sociais, trabalhadores rurais, populações tradicionais.

Esse relato apresentou a experiência de um *Encontro Regional de Agroecologia*



(ERA) realizado por estudantes das Agrárias e movimentos sociais na cidade do Crato – CE, com o objetivo de proporcionar um espaço de capacitação profissional na perspectiva de uma formação acadêmica comprometida com os princípios agroecológicos e técnicas de produção voltadas para um modelo sustentável de produção agrícola.

**3. Educação e princípios agroecológicos: a formação continuada dos servidores do Campus Rural de Marabá, Instituto Federal do Pará.** Autores: Rosemeri Scalabrin, Murilo da Serra Silva, Luis Mauro Santos Silva.

**Localidade:** Marabá (IFPA) – sudeste paraense.

**Envolvidos:** servidores do Campus Rural de Marabá.

Esse relato trata da experiência de formação continuada em serviço, do quadro de servidores do Campus Rural de Marabá (CRMB), com intuito de qualificá-lo. O CRMB teve origem a partir da criação da Escola Agrotécnica Federal do município de Marabá, criada na mobilização e organização da luta camponesa por reforma agrária e pela constituição de condições favoráveis ao desenvolvimento e sustentabilidade da produção familiar no sudeste paraense. Atualmente, o *campus* está em processo de consolidação de sua infraestrutura, quadro docente e técnico-administrativo. Nessa perspectiva, busca firmar os princípios de seu Projeto Político-Pedagógico (PPP), arraigado nos princípios da Educação do Campo e Agroecologia. Nesse contexto, a formação do corpo docente e administrativo se faz fundamental por favorecer a socialização dos planos de ações e metas, do planejamento estratégico e de gestão, bem como possibilitar a afinação dessa nova equipe no que se refere à proposta de escola e de educação em que o CRMB está se colocando.

**4. Educação para além dos muros: experiência do Grupo de Estudos em Agroecologia e Campesinato da UFRPE.** Autora: Michelly Aragão

**Localidade:** Grupo de Estudos em Agroecologia e Campesinato (Geac), na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), envolvendo também a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), o Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) e localidades onde atuam, como Assentamento Jaboatãozinho/PE e Assentamento Chico Mendes – Sítio Ágata/PE.

**Envolvidos:** estudantes da graduação, da pós-graduação e do ensino técnico, das diversas áreas do conhecimento — Ciências Sociais, Pedagogia, Administração, Ciências Biológicas, Ambientais e Agroecológica. Os participantes são do Geac, UFRPE, e também da UFPE e do IFPE.

Esse relato diz respeito às reflexões sobre as experiências do Geac, da UFRPE. Os



estudantes buscam experimentar de forma dialógica o estudo contextualizado a partir das vivências e práticas agroecológicas onde o grupo participa, como mutirões e trocas solidárias de sementes em assentamentos da agricultura familiar e na própria UFRPE; participação em encontros, eventos e congressos da área; comunicação e mídia popular, além de publicação de artigos e apresentação de trabalhos em seminários e congressos da área; estudos e roda de diálogos em que são realizadas leituras e debates.

### **5. Jardinagem agroflorestal na educação formal: uma experiência no Distrito Federal.**

Autores: Fabiana Mongeli Peneireiro; Helena Maria Maltez; Paulo Henrique Nenevê

**Localidade:** Escola Vila das Crianças, Santa Maria – DF

**Envolvidos:** jovens mulheres (de 14 a 17 anos) de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.

O relato diz respeito à experiência do Curso de Jardinagem Agroflorestal, que se caracteriza por oficinas semanais no período de um ano com jovens mulheres, de 14 a 17 anos, do Ensino Fundamental (8º e 9º anos) em uma escola que funciona em regime de internato. Dentre as práticas pedagógicas utilizadas estão: plantio, manejo, exibição de filmes e *slides*, observação e prática reflexivas, desenhos, danças, poesia. A agrofloresta entra no contexto da Agroecologia, com reflexões sobre a construção do mundo que queremos, e foi construído, com as jovens, um verdadeiro laboratório vivo: uma agrofloresta que produz alimentos ao mesmo tempo que melhora o solo e aumenta a vida no lugar.

### **6. Aprendizagem da Agroecologia no IFPR Campo Largo como base para educação ambiental com as comunidades escolares da região.** Autores: Breno Bellintani-Guardia; e Christine Hauer Piekarz.

**Localidade:** área urbana e central do município de Campo Largo, próxima ao principal terminal de ônibus e dentro do *campus* do IFPR.

**Envolvidos:** dois bolsistas estudantes do curso técnico em Agroecologia da turma de 2011 e dois servidores (um professor e uma técnica) do *campus*. Progressivamente o projeto envolveu a participação de alunos e professores da comunidade escolar da região.

O relato apresenta uma experiência com educação em Agroecologia, focando no projeto de ensino, pesquisa e extensão criado no contexto do curso técnico em Agroecologia de uma instituição pública federal de ensino. O objetivo central do projeto é criar, manter e divulgar experimentos e manejos interativos no Campus Campo Largo do Instituto Federal do Paraná (IFPR) para a aprendizagem de Agroecologia e para atividades de educação ambiental com escolas da rede pública de ensino. O projeto se fundamenta em princípios freirianos e



utiliza-se de temas como compostagem, minhocultura, horta didática, plantas medicinais, biofertilizantes e cisterna para água, que são trabalhados de forma teórica e principalmente prática. Os cursos técnicos em Agroecologia no IFPR seguiram um modelo de oferta convencional: o *campus* está em ambiente urbano, o curso é noturno, com carga horária presencial diária, com duração de 2 anos, entre outras semelhanças com os demais cursos ofertados, e sem áreas propriamente vocacionadas para práticas agrícolas. Atualmente, opera em regime de alternância.

### **O conceito de Agroecologia/sustentabilidade apresentado pelas experiências**

A Agroecologia vai além dos princípios ecológicos produtivos, incorporando outros princípios e metas sociais, culturais e políticas. Trata-se de uma proposta de se fazer agricultura valorizando os conhecimentos tradicionais, utilizando e desenvolvendo tecnologias apropriadas que potencializem as formas de organização coletiva.

A Agroecologia é entendida não como simplesmente técnicas e métodos, e sim como política e ciência. Ela é percebida como uma ferramenta transformadora não apenas do modo de produção, como também das relações sociais; é pensada de forma multifacetada, dentro da imensa gama de possibilidades, além de estar inserida em uma luta maior por um projeto para o campo brasileiro, que necessita de transformações profundas na sociedade.

A Agroecologia percorre um ambiente muito mais amplo e complexo do que a utilização responsável dos recursos naturais — não desconsiderando esse essencial fator — mas, ao passo que ela reconhece as distintas formas do conhecimento-científico, do saber popular dos agricultores e dos movimentos sociopolíticos articulados, avança na perspectiva da autonomia e da equidade nas relações sociais entre os sujeitos do campo.

A ideia da sustentabilidade requer um olhar complexo, capaz de abordar de maneira articulada os aspectos culturais, ambientais, sociais, políticos, econômicos e institucionais dos problemas analisados. Um dos relatos considera que a sustentabilidade do sistema de produção agroecológico se relaciona com o fato de este ser semelhante em estrutura e função ao ecossistema original do lugar. Assim, no Brasil, em que os biomas são fundamentalmente florestais, a agrofloresta se apresenta como estratégica, já que, se não trabalharmos com árvores e acúmulo de matéria orgânica, nossos sistemas de produção, por mais que não se utilizem de agrotóxicos e adubos solúveis, serão altamente demandantes de energia e de insumos (mesmo que orgânicos ou considerados aceitáveis na agricultura orgânica).



## **Princípios e diretrizes**

1. O domínio tecnológico não pode se dar pelo aniquilamento do conhecimento das populações do campo pela invasão cultural, em que o conhecimento se estende daquele que se julga saber tudo para aqueles que se avaliam nada saber.

2. Um princípio fundamental que orienta um dos trabalhos em Agroecologia, com relação aos sistemas de produção, é a otimização dos processos de vida (a natureza trabalhando a nosso favor, e nós, a seu favor), o acúmulo de matéria orgânica no solo, sobre ele e na vegetação (energia complexificada). É interessante que os sistemas de produção sejam semelhantes em sua forma e função aos ecossistemas originais do lugar, os quais evoluíram em milhares de anos para se adaptarem de maneira ótima às condições edafoclimáticas reinantes.

3. Devemos orientar a educação em Agroecologia no sentido de deixar um saldo positivo da nossa estadia [do ser humano] no planeta. Deve-se buscar/construir um novo modo de estar no mundo que promova paz e felicidade.

4. A educação em Agroecologia deve ser emancipatória, voltada para a autonomia dos sujeitos, com olhar crítico, noção de pertencimento, que opere na solidariedade. Aprendiz deve ser protagonista do seu processo de aprendizagem.

5. Promover a construção e sistematização de conhecimentos que levem os sujeitos a incidir conscientemente sobre a realidade, com o objetivo de alcançar um modelo de desenvolvimento socialmente equitativo e ambientalmente sustentável, adotando os princípios teóricos da Agroecologia como critérios para o desenvolvimento e seleção das soluções mais adequadas e compatíveis com as condições específicas de cada agroecossistema e do sistema cultural das pessoas implicadas em seu manejo.

6. Promover a participação democrática em todo o processo e espaço educativo.

7. Promover a valorização do meio rural.

8. A educação e a escola devem ser representativas dos interesses dos sujeitos e ajudar a construir um projeto de campo e de sociedade.

9. Ter a pesquisa, o trabalho e a cultura como princípios educativos.

10. Usar abordagem multi, inter e transdisciplinar.

11. Trabalhar a dimensão ética no processo educativo.

12. Não há distinção entre a produção de conhecimento e sua aplicação.

13. Todos nós aprendemos em conjunto (“as pessoas aprendem em comunhão” – Paulo Freire)

14. A educação deve possibilitar que os sujeitos ressignifiquem suas vidas com



empatia, afeto e cuidado mútuo.

15. A práxis, que significa a intervenção na realidade e a reflexão sobre a prática, em diálogo com a teoria, deve ser a tônica do fazer pedagógico.

16. O processo educativo deve ter uma clara intencionalidade, a qual, no caso da a educação em Agroecologia, deve ser a construção de um mundo mais justo e solidário, que apresente condições propícias para a vida de todos os seres.

17. A educação em Agroecologia deve desenvolver valores fundamentais para se fortalecer a paz e a perpetuação da vida, em todas as fronteiras, uma relação simbiótica positiva entre o ser humano e a natureza e entre aquele e seus semelhantes, o que refletirá em uma sociedade justa e solidária. Deve ser uma educação para a cidadania planetária.

18. A educação em Agroecologia deve estar voltada para a formação do ser humano integral, desenvolvendo a sensibilidade, a observação, a autonomia, a postura crítica e reflexiva, contextualizada, sempre vendo o outro (ser humano ou ser vivo) como legítimo outro, buscando, a partir da prática, gerar mais vida no lugar da intervenção e também considerando o planeta como um todo.

19. A educação em Agroecologia deve ter a cooperação como forma de relacionamento entre as pessoas e entre as pessoas e o ambiente natural em que vivem. Evitar atividades que promovam a competição.

## **Fundamentos**

1. A educação em Agroecologia visa transformar a realidade no sentido da construção de sociedades sustentáveis, que sejam mais justas, fraternas, onde a relação dos seres humanos entre si e com o ambiente seja pautada na ética do cuidado, do respeito e da cooperação, valores estes imprescindíveis para que haja qualidade de vida, bem-estar para todas as pessoas das gerações presentes e futuras, bem como para todos os outros seres vivos, incluindo o planeta Terra. A educação em Agroecologia não diz respeito simplesmente ao repasse de informações ou técnicas, mas também à reflexão crítica sobre o mundo no qual vivemos e o mundo que queremos, concebendo a Terra como um planeta vivo, do qual fazemos parte, reposicionando a visão antropocêntrica para uma consciência planetária, procurando educar, assim, para “um outro mundo possível”.

2. A transformação da sociedade é possível e só se dá com a prática e o aprendizado com a práxis, a reflexão sobre a ação. Praticar, não só discursar, é fundamental, e a coerência entre o discurso e a prática é dos valores mais caros.

3. A educação em Agroecologia representa a construção coletiva do currículo,



em que se oportuniza o estudo da realidade, a sua reflexão por meio da problematização e da construção do conhecimento que leva a possibilidades de soluções às situações-limites. Isso é feito pelos educandos com a mediação dos educadores.

4. É a partir da construção coletiva, da solidariedade, do exercício cotidiano de conscientização ecológica e social, das mudanças de hábitos, da autonomia, da autogestão, do respeito à diversidade e do comprometimento ético que poderemos (re)construir e (re)criar as bases para outras relações entre homens e mulheres com a natureza.

5. Diálogo interdisciplinar, franco. Diálogo com as pessoas, as plantas, os animais, todo o sistema.

6. Promover espaços e oportunidades de participação efetiva, de maneira que haja participação inclusive nas tomadas de decisão.

7. Valorização da cultura da região.

8. Utiliza-se uma comunicação que envolva os sujeitos do processo de maneira constitutiva, que tenha em conta seus vínculos históricos, culturais, políticos e econômicos.

9. Investir na educação e na formação dos sujeitos envolvidos no processo é uma das formas de construir a instrumentalização e autonomia produtiva dos camponeses e, assim, garantir a sustentabilidade dos assentamentos ao longo do tempo, colocando as famílias como os sujeitos da transformação.

10. Considerar o contexto: leitura da realidade.

11. Manter coerência entre o que se ensina e o que se realiza. Evitar o discurso vazio.

12. Estimular a iniciativa e criatividade.

13. Construção dialógica e crítica do conhecimento.

14. A intervenção educativa deve se dar a partir da leitura crítica e da compreensão da realidade, de sua problematização; capturar demandas do cotidiano; e contribuir para a transformação social. Por exemplo, discutiu-se, em evento no Crato, a questão da juventude e do grande êxodo rural de jovens na região; com os acampados na Bahia, discutiu-se a problemática do desmatamento, da concentração de terras, as desigualdades sociais e o êxodo rural.

15. Compreender o desenvolvimento articulando as dimensões social, cultural, ambiental, política, econômica, entre outras, dos problemas analisados.

16. A escola, politicamente, deve cumprir o papel de mediação nos processos de transformação dos setores populares camponeses.

17. O PPP deve ser voltado para a difusão, produção de conhecimentos e



construção de novas relações entre as pessoas e entre estas e a natureza.

18. A escola (ou a intervenção educativa) deve promover a participação coletiva dentro dos territórios camponeses mediante diferentes espaços educadores, de trabalho e organização.

19. Promover o diálogo de saberes, socializando o saber tradicional, o conhecimento local (empírico do/a agricultor/a) e o saber científico. Por exemplo, os trabalhos apontam para a importância desse diálogo por meio da interação entre diferentes sujeitos (universidade – camponeses); (estudantes – comunitários); (jovens educandas – visitantes).

20. Promover vivência (aprender fazendo, com a práxis).

21. Respeito aos saberes tradicionais e à cultura dos sujeitos sociais.

22. Relação ensino-pesquisa-extensão e teoria-prática como fundamentais no processo de aprendizagem.

23. Garantir a voz dos educandos no currículo.

24. Respeitar as diferenças.

25. Abordar questão de gênero, etnia e geração.

26. Construção coletiva do conhecimento.

27. Compreensão da dimensão histórica do sujeito, na qual se firma a relação entre ser humano e natureza.

28. Em sistemas de produção diversificados e adaptados às realidades locais, não há receitas, modelos ou formatos prontos. É necessário conhecer os princípios que regem o funcionamento de tais sistemas e, a partir da observação profunda, elaborar e testar.

### **Metodologias/estratégias**

1. Utilização de meios de comunicação que promovam intercâmbio de experiências; socialização de conhecimentos populares que os participantes do processo educativo possuem. Ex.: maleta de vídeos e jornal.

2. Mística como estratégia pedagógica.

3. Promover espaços de interação e compartilhamento. Ex.: Balaio Cultural – espaço para desfrutar e conhecer diversos grupos musicais, teatrais e culturais da região do Cariri; trocas de experiências; filmes; espaço de realização de estudos, reflexões e de oficinas de planejamento coletivo; visitas orientadas. Foi citada a importância das trocas solidárias e os intercâmbios de conhecimento entre o grupo [de estudantes] e os sujeitos com quem aprendemos e dialogamos [camponeses, comunitários], que possibilitaram momentos de intensa renovação e reflexão sobre as suas próprias práticas.



4. Promover espaços de vivência prática.
5. Pedagogia da Alternância.
6. Estudos, debates e reflexão/diálogo, a troca de conhecimentos, a reflexão das práticas e novos aprendizados, leituras individuais, estudos em grupos, produção de trabalho, participação nos momentos de atividades dos Tempos-Comunidade.
7. Estabelecer parcerias. Ex.: entre movimento social e universidade.
8. Promover encontros. Ex.: entre moradores de diferentes comunidades; entre estudantes e camponeses; entre pesquisadores e camponeses; entre pesquisadores-extensionistas e comunidades escolares; entre docentes e funcionários do setor administrativo...
9. Formação do corpo docente e administrativo.
10. Currículo interdisciplinar com temas geradores.
11. A partir de uma situação-limite social, promover a problematização e organização dos conteúdos em função da sua superação pelos educandos.
12. Aplicação do conhecimento, em que se trabalha com um currículo que dê resposta crítica para aquela situação apresentada.
13. Partir do tema gerador, procurando realizar práticas agroecológicas com relação ao que se problematiza.
14. Utilizar unidades de experimentação na construção do conhecimento.
15. As instituições educativas devem trazer em seu projeto o apoio às demandas sociais regionais, dentro de uma perspectiva de sustentabilidade ampla (social, ambiental, econômica, cultural, etc.), concebida coletivamente por fóruns regionais que compõem seu Conselho Gestor.
16. Respeitar e estimular a diversidade: de opiniões, de abordagens, de ferramentas pedagógicas, de técnicas, de afinidade com o objeto de estudo e de interesses por cada atividade proposta, etc.
17. A diversidade dos sujeitos é importante no processo educativo, pois fomenta os diálogos em torno da Agroecologia de forma mais integrativa e complexa, a partir dos diferentes olhares e saberes. Por exemplo, foi citada a articulação em rede com outros coletivos, grupos e movimentos sociais que desejam dialogar e apoiar a Agroecologia.
18. A diversificação de atividades pedagógicas contribui para que, de alguma forma, se conquiste o interesse, atenção e dedicação dos educandos.
19. Utilizar metodologias de investigação-ação participante.
20. Utilizar a arte como exercício de criatividade e desenvolvimento de uma



concepção do que seja o belo. Na estética e na ética, arte e natureza se encontram e dialogam. Fazem parte da nossa rotina a dança, o desenho e a música. O teatro surge em situações especiais como nos Festivais Agroflorestais, sobre os quais falaremos adiante.

21. Práticas pedagógicas utilizadas: prática de plantio e manejo; exibição de filmes e *slides* com posterior discussão, observação e prática reflexivas; exercícios para formulação de perguntas criativas; diálogo com outras experiências agroecológicas; leitura de textos; prática seguida de reflexão e apresentação de conceitos; desenhos; danças; poesia. Diferentes tipos de plantios são feitos para mostrar possibilidades e criar um laboratório vivo.

22. É fundamental abriremos nossos canais de percepção e nos colocarmos numa postura de escuta sensível, termos disposição a ouvir todas as necessidades, os pontos de vista, opiniões e reflexões.

23. Operar na afetividade, que cria identificação entre educandos e educadores.

24. Desenvolver e operar com observação atenta e profunda.

25. Utilizar a prática como fonte de inspiração para desenvolver conceitos e técnicas, provocar inquietações e perguntas que movam a aprendizagem rumo à construção de conhecimentos e saberes significativos.

26. Estimular a curiosidade e a elaboração de perguntas significativas e criativas.

27. Avaliação é feita por meio do processo de “jovem ensina jovem”: ensinar é uma das formas mais efetivas de consolidar a aprendizagem. Essa abordagem foi utilizada em duas das experiências relatadas: em uma, com os Festivais Agroflorestais, e em outra, ilustrada pela ideia de que “somente quando os estudantes bolsistas do curso técnico em Agroecologia tiverem construído e manejado uma composteira, poderão então apresentá-la a um grupo de alunos das escolas e dialogar sobre micro-organismos, sobre a decomposição dos nossos próprios resíduos orgânicos e chegar à compreensão da necessária e possível reciclagem dessa matéria”.

28. Basear-se na abordagem educativa da Educação Popular, apresentada por Paulo Freire.

29. Curso de Agroecologia em ambiente urbano: que sentido faz ter cursos de Agroecologia em ambiente urbano? Outra pergunta é: que sentido faz ter um agroecossistema em ambiente urbano, como no Campus Campo Largo?

30. A alternância como abordagem pedagógica é altamente recomendada.

### ***Desafios***

Há necessidade de recursos financeiros para viabilizar as atividades educativas. Um dos



relatos apontou que o suporte financeiro garantiu a participação dos estudantes nas atividades. Houve investimento pessoal dos envolvidos.

Um dos relatos também apontou que a contextualização de temas do projeto em assuntos da educação ambiental ou outros temas de interesse dos alunos vem sendo um desafio. Segundo relatado, a principal dificuldade está em cativar o interesse de todos os alunos para as questões mais reflexivas do processo.

### ***Problematização a partir dos relatos***

Um dos relatos fala de um modelo de educação em Agroecologia. É possível? É desejável? Também é tratada a necessidade de se defender um modelo de sociedade sustentável. Faz sentido pensar em modelo? Em um modelo? Ou falar de sociedades sustentáveis?